

Valor Econômico – 10/04/2008

Revisão tarifária impacta distribuidoras

Maurício Capela

As distribuidoras de energia no país já estão de calculadora na mão e quebrando a cabeça para encontrar uma forma de contornar o impacto que as revisões tarifárias negativas vão causar no seu faturamento. E para analistas, especialistas do setor elétrico e executivos de distribuidoras ouvidos pelo Valor, a única forma de compensar as reduções é apostar na boa manutenção de suas redes de serviço, no controle de custos e no crescimento do mercado em suas áreas de concessão.

No ano passado, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) iniciou o segundo ciclo de revisão tarifária, que vai estabelecer o novo valor do megawatt/hora das 61 distribuidoras de energia do país até 2010. Só para se ter uma idéia, neste ano, 36 companhias serão alvo de análise, ao passo que em 2007, sete delas já tiveram suas tarifas revistas. E detalhe: todas negativas.

As últimas que passaram pelo crivo da Aneel foram a estatal mineira Cemig, a mato-grossense Cemat do grupo Rede, a Cia. Paulista de Força e Luz - uma das oito distribuidoras da holding CPFL Energia - e a sul-mato-grossense Enersul das Energias do Brasil. E todas, em maior ou menor escala, tiveram redução de tarifa nas decisões de início de abril.

A CPFL, inclusive, criou uma vice-presidência administrativa focada em redução de custos. O novo braço é uma resposta da empresa, que teve uma redução desta vez de mais de 17% em média, às fortes revisões tarifárias. Além disso, a empresa prepara um plano de reordenação de custos que vai atingir suas distribuidoras.

Já a Cemat teve uma redução média de 8,08% no valor de sua tarifa, mas o impacto na receita da companhia será menor, de 3,53%. E a diferença explica-se na composição da tarifa de energia. A maior parte do valor de uma conta de luz é formada por encargos, impostos que são cobrados do consumidor e repassados às diversas esferas de governo. É a chamada parcela A. Já o que vira faturamento da distribuidora costuma ser a menor parte e é conhecida como parcela B. No caso da Cemat, a parcela A abocanha 62%, enquanto que a B fica com 32%.

Ciente dessa fotografia, Carmem Campos Pereira, presidente do grupo Rede, explica que aposta na otimização dos processos de entrega do megawatt, no controle do custo operacional e também no crescimento da demanda de energia no Estado do Mato Grosso, área de concessão da Cemat. "Há uma perspectiva de que a demanda pelo insumo cresça entre 7% e 8% no Mato Grosso neste ano, puxada principalmente pelo crescimento do agronegócio", conta.

A Enersul, que atende o Estado do Mato Grosso do Sul, aposta mesmo é no controle de custos. A companhia, que terá uma redução média de 7,18%, vai registrar uma queda de 9,65% nas suas vendas. E, segundo a assessoria de imprensa da controladora Energias do Brasil, já está claro que a compensação virá da racionalização dos custos, da otimização dos investimentos e de uma gestão preventiva do negócio. E o mantra vale para a Enersul, mas também para suas duas outras distribuidoras, a paulista Bandeirante e a capixaba Escelsa.

Recentemente, a Cemig declarou que sua receita bruta deste ano deverá ficar 6% menor que a de 2007. Esse deve ser o impacto da redução tarifária média de 12,24% determinada pela Aneel.

"Uma redução tarifária é bom para a inflação e tem um efeito limitado para as distribuidoras. As regras estão claras e há um repasse de ganhos competitivos obtidos pelas empresas para o mercado", afirma Sergio Tamashiro, analista de energia da Itaú Corretora. O analista reforça o discurso das companhias de que a solução para contornar uma queda de receita é a manutenção das redes de serviço em bom estado e a eficiência de gestão.

Para Luiz Carlos Guimarães, presidente da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee), a forte redução não causa espanto e já era esperada. E garante que os grupos precisarão continuar reduzindo perdas e controlando custos operacionais.

No entanto, **Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil**, enxerga que os fortes índices de redução tarifária são problemáticos. O executivo lembra que a queda no valor da conta de luz poderá dar a falsa idéia de que há energia em abundância no país em um momento que a oferta e demanda andam apertadas.